

# TRABALHANDO LIMITES ATRAVÉS DOS VÍNCULOS AFETIVOS

Dalvana Cabral Teixeira<sup>1</sup>  
Claudia Waltrick Machado Barbosa<sup>2</sup>

## RESUMO

Através de um ato de afeto pode-se conseguir cativar uma pessoa e assim ter espaço para contribuir com o seu desenvolvimento. Pais e professores precisam ter consciência da importância que a afetividade tem na vida de uma criança. O presente estudo tem como objetivo conscientizar a família e a escola que o afeto ajuda a aumentar a autoestima e gera laços importantes para uma convivência harmoniosa e um bom desenvolvimento. Muitas vezes, problemas de ordem educacional ou emocional podem ser solucionados com atos afetuosos, com atenção e compreensão. É cada vez mais comum encontrarmos casos de crianças abandonadas emocionalmente pelos pais, são famílias que não se preocupam com o seu bem-estar e não incentivam o seu desenvolvimento. Outras vezes, professores, que tem em suas mãos o poder de educar, esquecem que o amor é fundamental nesse processo. Portanto, afetividade é compreendida nas relações de cuidado, nos processos educativos, nos gestos, elogios e na escuta das crianças.

**Palavras-chave:** Afetividade, Educação, Limites, Família.

## WORKING LIMITS THROUGH THE AFFECTIVE LINKS

## ABSTRACT

The family is synonymous with complicity, mutual solidarity of love, affection, fidelity, attention, but nowadays the lack of time has caused this to win another course. The valorization of the goods of the ter, nowadays ended up driving away even more parents and children totally losing the affective bond and giving rise to the rebellion became a problem for the families. In a world full of aggression, lack of education among other factors of misbehavior of children and adolescents. We seek answers about the importance of the limit given by those responsible. In the affective bonds we always see children in a state of abandonment and revolted with the meaning that life is taking. This article aims to seek information and solutions to work limits through affection establishing an affective bond with the child.

**Keywords:** Affectivity, Education, Limits, Family.

---

<sup>1</sup> Acadêmica da 10ª fase do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFACVEST.

<sup>2</sup> Psicóloga e pedagoga – Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFACVEST, Mestre em educação, especialista em terapia familiar e de casal.

## INTRODUÇÃO

Este estudo tem o propósito de demonstrar a importância do vínculo afetivo no desenvolvimento da criança, porém torna-se importante ressaltar que, dar amor e afeto não transpõe a imposição de regras e limites para uma criança. Se analisarmos atualmente vivemos uma situação que é extremamente preocupante, muito próximo, com que o texto demonstra, a questão de educar com ou sem limites e a construção ou não dos mesmos juntamente com crianças em idade escolar. Nos últimos dez anos muito se fala e muito se reclama da falta de limites, já que para a grande maioria das pessoas a necessidade dos mesmos é evidente, uma vez que eles “ensinam” as crianças a ter comportamentos adequados, são preventivos das situações de risco e são nos limites que estão embutidas noções básicas para a vida em sociedade.

Diante do contexto social geral, percebemos que, esta grande preocupação inicia no fato de que duas das instancias educativas fundamentais estão em profunda crise, a escola e a família. Pais e professores vivenciam esta crise com grande desorientação, angustias inquietações e o que se percebe é que cada vez mais as coisas tomam os rumos menos desejados, causando grandes preocupações principalmente no que diz respeito à educação moral das crianças (Cegalla (2005, p. 56).

É sabido que a educação, parece ser o meio mais propício para a construção da civilização, da boa vida em sociedade, porém, é notável que nos últimos tempos a escola passou a assumir praticamente sozinha um papel que, em princípio, não deveria ser só seu: educar os alunos para a cidadania. A sociedade mudou muito, e sabemos, continua em constante mudança, valores éticos se transformaram, e muitos pais diante de tal transformação se sentem inseguros em relação à formação dos filhos, delegando este papel exclusivamente para a escola. Do outro lado vemos professores amedrontados, por estarem assumindo tamanha responsabilidade sozinhos, e assim podemos claramente perceber um pouco do centro dessa crise que a escola vem enfrentando. (Dupas, 2008,p.100)

Porém, se os pais não colocam limites, não ensinam valores para os filhos, como a escola irá sozinha conseguir? Por isso, se fala tanto em parceria entre a família e a escola, parceria essa capaz mexer nessa crise e derrubá-la. As duas instituições, trabalhando juntas, se complementando, gerarão um efeito muito maior do que se ficarem se culpando e empurrando responsabilidades uma para outra. E é justamente sobre este tema que este estudo se ocupa: a construção de limites, tendo como recorte a criação de vínculos para que esta construção aconteça de forma plena e significativa no processo de desenvolvimento da criança. (La Taille ,2001, pgs. 95 a104). Dizer não é um ato de amor que ajuda na formação da criança.

O objetivo aqui é entender como os limites são produzidos, acontecem e qual a forma mais natural de inseri-los na vida das crianças, e ainda analisaremos porque os vínculos afetivos são tão importantes para esta construção, são tão importantes para que a criança aprenda a refletir sobre os limites, a aceitá-los e a vivê-los de forma refletida, podendo assim ter uma vida socialmente e moralmente correta.

Para este estudo trazemos o tema limite e afetividade como bases do desenvolvimento infantil, antes de apresentarmos a afetividade como ponto crucial para uma vida saudável emocionalmente, vamos decifrar, o que tem sido um dos grandes problemas dialogados no âmbito educacional e familiar, no que tange a psicologia do desenvolvimento.

“Limite” é uma palavra que vem ganhando crescente espaço nas rodas de discussões de professores e é empregada geralmente como uma queixa de algo ou alguém: “Essas crianças não têm limites, é preciso impor isso a elas”. A obediência, o respeito, a disciplina, a construção moral, a cidadania, o vínculo, a ética, as boas relações interpessoais em sociedade, enfim, muitas coisas parecem estar associadas a tal assunto. (LANE, 1989, p.88 ).

Mas, o que realmente significa a palavra limite, do que estamos falando quando nos referimos a ele, sua falta, sua necessidade de ser imposto? Segundo Yves de La Taille (2001, p.115) em seu livro “Limites, Três Dimensões Educacionais”, limite nos remete à idéia de uma fronteira, uma linha que separa territórios, e se existe um limite, é porque há pelo menos dois lados, podendo ser ou concretos, ou abstratos, separados por essa fronteira, lados esses que cito aqui como o lado proibido, que é o negativo e o lado permitido, que é o positivo separados então pela fronteira dos limites.

Porém, essa é apenas uma ideia que pode vir a definir tal palavra, pois limite não pode ser pensado apenas como o fim, como a limitação de algo, limite significa também aquilo que pode, ou melhor, que deve ser transposto para o desenvolvimento da autonomia, para o amadurecimento da criança. O problema está em saber se o limite é um convite para que se passe para o outro lado ou uma ordem, uma proibição, para que se permaneça onde se está. ( Michaelis, 1998, p. 623) Assim, tanto a família quanto os educadores, são sem dúvidas, peças fundamentais nesse processo de educar verdadeiramente, mas para que haja esse processo educativo verdadeiro é necessário que algo mais permeie essa relação da criança com a família e com a escola. É esse algo a mais que falta em diversas famílias e instituições de ensino, e este algo a mais a que me refiro, é a afetividade, que pode proporcionar uma relação mais estreita entre as crianças e aqueles que fazem parte do seu meio educativo. (La TILLE 2001, pg.57). Pais e escola devem andar lado a lado para melhorar o ensino, a afetividade.

Muitos têm comentado que a educação afetiva deveria ser dentre tantas outras a primeira preocupação dos educadores e das famílias, pois é justamente esta afetividade que vai condicionar o comportamento, o caráter e a atividade cognitiva da criança, sem esquecer que a preparação da criança para a vida escolar e posteriormente para a vida em sociedade, passa pelo desenvolvimento de competências emocionais, como a confiança, curiosidade, intencionalidade, autocontrole, capacidades de relacionamento, de comunicação e de cooperação, e tudo isso se torna muito mais simples quando se estabelece um vínculo entre a criança e a família e ainda o educador.

Na obra de Wallon, segundo Galvão (1999, p. 61) a definição de afeto e afetividade se dão da seguinte forma:

As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia não o são. A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações.

Henri Wallon (1879-1962 *apud* Galvão, 1999) define a afetividade como um dos conjuntos funcionais da pessoa que atua, juntamente com a cognição e o ato motor, no processo de desenvolvimento e construção do conhecimento, assim segundo ele, o termo afetividade se refere à capacidade do ser humano de ser afetado positiva ou negativamente tanto por sensações internas como externas. Em outras palavras a afetividade compreende os sentimentos e as emoções e reflete na nossa capacidade de experimentar o mundo subjetivamente, determinando nossas atitudes diante de nossas vivências e experiências, promovendo assim impulsos que podem nos motivar ou nos inibir.

Mello e Rubio (2013, p.02), destacam em seu trabalho a importância da afetividade:

A afetividade exerce um papel importantíssimo em todas as relações, além de influenciar decisivamente a percepção, o sentimento, a memória, a autoestima, o pensamento, a vontade e as ações, e ser, assim, um componente essencial da harmonia e do equilíbrio da personalidade humana.

Segundo Rossini (2001, p. 9) “a afetividade está presente em todas as fases da vida do ser humano, nas experiências vividas por este no relacionamento com o outro social, ela está em nós como uma fonte geradora de potência de energia”. Se a parte afetiva não está bem, o ser humano não consegue desenvolver todo o seu potencial, a afetividade inclui vários sentimentos e saber lidar com eles pode ser o caminho para o equilíbrio emocional. Como coloca também Rossini (2001) ele pode ter um quociente intelectual (QI) altíssimo, porém, se o seu sentir estiver comprometido ou bloqueado, a sua ação não será energizante, forte, eficaz, produtiva.

Nesse contexto a criança é vista como um ser extremamente afetivo, Vygotsky (1994) afirma que a experiência emocional que a criança adquire em seu meio social é o que vai determinar o tipo de influência que esse meio terá sobre ela. Não é um fator em si que influencia o curso do desenvolvimento da criança, mas os diversos fatores retratados pelo prisma da experiência emocional da criança. A partir de tais pressupostos podemos questionar: Impor limites para uma criança, pode de alguma maneira auxiliar em seu desenvolvimento?

Crianças que não têm uma boa estrutura familiar e uma convivência alicerçada no afeto, carinho e amor, não conseguem demonstrar esses sentimentos para com os demais membros da sociedade. Daí vem a importância de o professor investigar e saber com que tipo de público está trabalhando, e tentar se informar acerca da realidade dos seus alunos. Segundo Chalita (2004, p.162), “Tudo o que diz respeito ao aluno deve ser de interesse do professor. Ninguém ama o que não conhece, e o aluno precisa ser amado”. O desenvolvimento humano é uma ciência fantástica. Quando sabemos de uma gravidez vemos todas as pessoas empolgadas juntamente com os pais da criança. Sabendo que a afetividade é necessária para todo ser humano, que são necessárias para a formação desse indivíduo.

Freud *apud* Enderle (1990, p. 28), diz que: “A afetividade é o fundamento de todo o crescimento, relacionamento e aprendizagem humana”. Vemos que a falta de atenção, afeto, carinho e amor influencia no processo de crescimento e de formação de caráter de cada pessoa, pois se a criança se sente rejeitada desde a concepção acredita-se que ela é um peso na vida da família e acabam tomando um caminho sem volta. A afetividade é uma arma usada para a formação de limites e personalidades de cada indivíduo. Na sociedade em que vivemos onde existe vários tipos de informação e tecnologia a atenção e a afetividade foi substituída por computadores, celulares onde estão “viciados” e esquecem os valores familiares.

Neste sentido Lima e Souza (2001 p. 12) comentam que:

A vivência emocional e a qualidade das experiências e dos laços afetivos são muito importantes para o desenvolvimento humano. As experiências nestes primeiros anos de vida são as que contribuem para que o ser humano estabeleça determinados padrões de conduta e formas de lidar com as próprias emoções.

O vínculo afetivo na vida da criança traz consigo uma importância sem tamanho sendo ela na família ou na escola. Para entender melhor a afetividade tem uma grande importância na formação e na educação de cada indivíduo. O vínculo familiar traz consigo o importante papel de formação, pois, está tudo envolvido, e como a formação começa na infância e esse efeito surge para a vida toda.

Freud citado por Enderle (1990, p. 28), explica que durante a infância nos espelhamos em nossos pais que são nossos primeiros espelhos. Mas o fato de estarmos sempre ocupados as crianças passam mais tempo em creches e na frente de tecnologias onde encontram uma maneira de suprir a necessidade de carinho. “A afetividade é o fundamento de todo o crescimento, relacionamento e aprendizagem humana”. Contudo, é preciso entender que ser afetivo, não é o mesmo que impor limites, até mesmo para os pequenos.

Embora o papel da escola seja importante na formação de um indivíduo, a família tem que andar junto com a escola, procurar acompanhar todos os processos pelos quais seus filhos venham a passar, prestar mais atenção às suas necessidades e dificuldades. É nos pais que as crianças buscam segurança e refúgio.

Chalita (2004, p.26) fala sobre a essencialidade da família para que uma criança ganhe confiança e possa se sentir valorizada e assistida, pois para o autor:

Do outro lado, há o grupo imenso que não dispõe desses cuidados todos. São os chamados excluídos. Que triste é essa constatação: um mundo de incluídos e de excluídos. Alguns são criados como em uma redoma de vidro, separados de tudo que possa vir a contaminá-los, e outros, a grande maioria, são lançados à própria sorte

Diante disso, a responsabilidade que seria da família, muitas vezes é deixada a cargo da escola. Alguns pais acabam esquecendo da importância do afeto e da atenção, e acreditam que a escola educará seus filhos sozinha. Acerca da importância da atenção dos pais para com os filhos.

No entanto, Galvão (1998, p.61) traz uma diferenciação entre afetividade e emoção:

As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia, não o são. A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações.

A partir disso, podemos compreender que o lado afetivo de um indivíduo não se resume apenas às suas emoções. Estas são apenas uma consequência da afetividade.

## **METODOLOGIA**

A metodologia se interessa pela validade do caminho escolhido para se chegar ao fim proposto pela pesquisa; portanto, não deve ser confundida com o conteúdo (teoria) nem com os procedimentos (métodos e técnicas). Dessa forma, a metodologia vai além da descrição dos procedimentos (métodos e técnicas a serem utilizados na pesquisa), indicando a escolha teórica realizada pelo pesquisador para abordar o objeto de estudo (MINAYO, 2007, p. 44).

Minayo (2007, p. 44) define metodologia de forma abrangente e concomitante:

[...] a) como a discussão epistemológica sobre o “caminho do pensamento” que o tema ou o objeto de investigação requer; b) como a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas e dos instrumentos operativos que devem ser utilizados para as buscas relativas às indagações da investigação; c) e como a “criatividade do pesquisador”, ou seja, a sua marca pessoal e específica na forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo específico de resposta às indagações específicas.

Para este estudo utilizamos a pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa tem como objetivo compreender e interpretar os dados com maior qualidade e não apenas quantificá-los. Segundo Richardson (1999, p. 79).

[...] a abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social. Tanto assim é que existem problemas que podem ser investigados por meio de metodologia quantitativa, e há outros que exigem diferentes enfoques e, conseqüentemente, uma metodologia de conotação qualitativa.

Na pesquisa qualitativa o pesquisador busca aproximar-se do ambiente onde ocorrem os fatos e compreender os seus problemas. Ou seja, seu foco está na natureza do processo e não apenas nos resultados e produtos. Richardson (1999, p. 90-91) explica que:

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos.

Quanto aos objetivos da pesquisa Castro (1976), genericamente, as pesquisas científicas podem ser classificadas em três tipos: exploratória, descritiva e explicativa. Cada uma trata o problema de maneira diferente. Neste estudo optamos pela pesquisa exploratória. Segundo Sellitz et al. (1965), enquadram-se na categoria dos estudos exploratórios todos aqueles que buscam descobrir idéias e intuições, na tentativa de adquirir maior familiaridade com o fenômeno pesquisado. Nem sempre há a necessidade de formulação de hipóteses nesses estudos. Eles possibilitam aumentar o conhecimento do pesquisador sobre os fatos, permitindo a formulação mais precisa de problemas, criar novas hipóteses e realizar novas pesquisas mais estruturadas. Nesta situação, o planejamento da pesquisa necessita ser flexível o bastante para permitir a análise dos vários aspectos relacionados com o fenômeno.

Para Richardson (1999, p.55), os estudos exploratórios, geralmente, são úteis para diagnosticar situações, explorar alternativas ou descobrir novas idéias. Esses trabalhos são conduzidos durante o estágio inicial de um processo de pesquisa mais amplo, em que se procura

esclarecer e definir a natureza de um problema e gerar mais informações que possam ser adquiridas para a realização de futuras pesquisas conclusivas.

Tendo como abordagem a pesquisa qualitativa. Os dados serão construídos a partir de entrevista semiestruturada, seguido um dado roteiro, ou melhor, um guia, previamente elaborado com tópicos que deverão ser explorados de forma espontânea no decorrer da entrevista. Serão participantes da pesquisa seis professoras do ensino fundamental de escolas públicas da cidade de Curitiba – SC.

Das seis professoras escolhidas para a realização das entrevistas, três das entrevistadas, são de uma escola pública estadual de Curitiba – SC e as outras três, de uma escola pública municipal da mesma cidade. As entrevistas foram realizadas nas próprias escolas onde as professoras dão aulas, em suas salas ou onde se sentiam mais confortável, desde que seja após o expediente.

Para este estudo utilizamos a entrevista semiestruturada. Segundo Cervo & Bervian (2002), a entrevista é uma das principais técnicas de coletas de dados e pode ser definida como conversa realizada face a face pelo pesquisador junto ao entrevistado, seguindo um método para se obter informações sobre determinado assunto.

De acordo com Gil (1999), a entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizadas nas pesquisas sociais. Esta técnica de coleta de dados é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam e desejam, assim como suas razões para cada resposta.

As entrevistas semiestruturadas podem ser definidas como uma lista das informações que se deseja de cada entrevistado, mas a forma de perguntar (a estrutura da pergunta) e a ordem em que as questões são feitas irão variar de acordo com as características de cada entrevistado. Geralmente, as entrevistas semiestruturadas baseiam-se em um roteiro constituído de “[...] uma série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista” (LAVILLE & DIONNE, 1999, p.188), apoiadas no quadro teórico, nos objetivos e nas hipóteses da pesquisa.

Para solidificar e dar cientificidade a este estudo foi apresentado às entrevistadas o Termo de consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, onde as entrevistadas terão todas as informações necessárias acerca do estudo. A análise dos dados é uma das fases mais importantes da pesquisa, pois, a partir dela, é que serão apresentados os resultados e a conclusão da pesquisa, conclusão essa que poderá ser final ou apenas parcial, deixando margem para pesquisas posteriores (MARCONI & LAKATOS, 2001).

Neste estudo utilizamos análise de conteúdo. A análise de conteúdo é um “[...] conjunto de técnicas de análise das comunicações [...]” (BARDIN, 1977, p. 30) que tem por objetivo



enriquecer a leitura e ultrapassar as incertezas, extraindo conteúdos por trás da mensagem analisada. Segundo Trivinõs (1987, p. 158), “a análise de conteúdo é um método que pode ser aplicado tanto na pesquisa quantitativa, como na investigação qualitativa [...]”.

Bardin (1977) afirma que a análise de conteúdo possui duas funções básicas: função heurística – aumenta a prospecção à descoberta, enriquecendo a tentativa exploratória e função de administração da prova – em que, pela análise, buscam-se provas para afirmação de uma hipótese. Assim, a análise de conteúdo trata de trazer à tona o que está em segundo plano na mensagem que se estuda, buscando outros significados intrínsecos na mensagem.

Bardin (1977, p. 42) conceitua análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo de mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

## ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A seguir vamos apresentar os dados coletados, para tanto, utilizamos nomes fictícios para manter nosso compromisso ético de acordo com as premissas dos termos da cientificidade. A participante 1, a qual chamamos de Maria (40 anos, professora, casada, 14 anos de formação); a participante 2, a Rosa (35 anos, professora, solteira, 9 anos de formação); a participante 3, a Gorete (32 anos, do sexo feminino, casada, 6 anos de formação); a participante 4, Teresa (37 anos, do sexo feminino, solteira, 4 anos de formação); a participante 5, Jurema (26 anos, do sexo feminino, casada, 5 anos de formação) e, por fim, a participante 6, a Julia (27 anos, do sexo feminino, união estável, 5 anos de formação). É importante ressaltar que as três primeiras são de escola estaduais e as demais de escolas municipais da cidade de Curitiba – SC.

Ao questionar acerca da contribuição dos vínculos afetivos na construção de limites, das seis entrevistadas, todas apontaram a mesma opinião que o limite é necessário na construção de amadurecimento. Podemos perceber esta afirmação nas falas abaixo:

**Maria** - São situações diferentes nem sempre uma criança que recebe afeto tem limites ou vice e versa. **Rosa** - Na escola a construção de vínculos afetivos é fundamental para que a criança desenvolva noções de uma vida em sociedade. **Gorete** - O papel do afeto é muito importante. Ele ajuda na autoestima. Ela valoriza a aprendizagem e ele cria vínculos entre os familiares ele impulsiona as linhas de saberes. **Teresa** - Impor regras respeito, educação e valores. **Jurema** - o ato de apreender de ter limites muitas vezes é associado a aquisição de conhecimentos, mas a afetividade oportuniza muito para a construção. **Julia** - contribui para autonomia e amadurecimento da criança.

Segundo Zagury (2003), colocar limites é um modo de ajudar a criança a modificar o seu comportamento, sem prejudicar a sua autoestima. A compreensão e a firmeza dos pais, na contenção de condutas inadequadas, junto com o aumento da maturidade e da capacidade de autocontrole da criança, resultam em uma gradual substituição das ações impulsivas e inaceitáveis por condutas adequadas. Colocar limites, também, é fazer a criança compreender que seus direitos acabam onde começam o direito dos outros.

Quando perguntamos se a falta de afeto atrapalha no desenvolvimento das crianças, as respostas confirmam que o afeto é de suma importância para a criança.

**Maria** - Acredito que não, pois a criança a partir do momento que começa a se relacionar com outras fica mais ligada no que acontece no seu dia a dia, a convivência com seus colegas de aula. **Rosa** – Sim. Mesmo na escola pode levar a criança apresentar alteração de comportamento e até distúrbios. **Gorete** – Sim. O amor está ligado ao desenvolvimento cognitivo. O afeto nas crianças é fundamental. Pois causa atraso escolar e também a maturidade física, emocional e social. **Teresa** – Sim. Pois ela se sente uma criança diferente e sem importância. **Jurema** – Com certeza. Privar as crianças de amor e carinho pode desencadear distúrbios de comportamento, maturidade cognitiva, física e cognitiva. **Julia**. – Sim. O afeto é tão importante quanto à alimentação e a educação no desenvolvimento físico, emocional da criança.

O afeto mostra que a criança precisa saber que é amada que tem alguém que zela por ela, sabendo que ela tem alguém que a ama e que se importa com ela, pois de acordo com Buriasco (2013, p.22).

O filho precisa ser convencido de que é amado e a disciplina é uma grande ferramenta. Estabelecendo regras, rotinas e desenvolvendo um vínculo saudável com os filhos, eles entenderão que não terão que apelar para revolta no sentido de chamar atenção e ganhar afeto. Dessa forma, não se sentirão ainda tentados a usar de meios autodestrutivos para chamar a atenção, tais como os vícios de modo geral. A confiança, juntamente com o amor, é o elo que deve prevalecer na relação pais e filhos.

Ao questionarmos se a falta de limites acarreta em problemas na vida adulta, obtivemos as seguintes respostas:

**Maria** – Com certeza, será uma pessoa sem responsabilidade procurando alternativas para demonstrar que está insatisfeita com possíveis ocorrências erradas em sua vida. **Rosa** – Creio que sim é que essa criança na adolescência e vida adulta pode ter problemas de conduta na vida social. **Gorete** – Sim. A falta de limites na escola é um dos principais motivos de prejuízo na nossa educação, ela atrapalha o desenvolvimento de uma maneira muitas vezes irreversível. **Teresa** – Sim, porque acham que podem fazer o que querem, pois desde pequenos não foi lhe dado limites e isso prejudica no ambiente escolar. **Jurema** – Sim, uma criança sem limites será um adulto fracassado. **Julia** – Sim as crianças sem limites podem se tornar adultos que não conseguem se organizar, cumprir tarefas ou respeitar ordens e regras sociais.

Como vimos as pesquisadas acima, afirmam que a falta de limites acarreta sim na vida adulta. A falta de limites, segundo Zagury (2003), tende a desenvolver um quadro de dificuldades que vai se instalando passo a passo: descontrole emocional, histeria, ataques de raiva; dificuldade crescente de aceitação de limites; distúrbios de conduta, desrespeito aos pais, colegas e autoridades; incapacidade de concentração, dificuldade para concluir tarefas, excitabilidade, baixo rendimento; agressões físicas se contrariado, descontrole, problemas de conduta, problemas psiquiátricos, nos casos em que há predisposição.

Sobre se elas acham que os pais e a escola estão errados na educação moral das crianças, tivemos as seguintes respostas:

**Maria** – Não. Pois cada um tem seu papel fundamental a resolver seus problemas, a família contribui com a educação repassa de bons costumes e escola entra com o ensinar transmitir conhecimento aí sim os dois juntos a criança têm a crescer com a consciência dos seus atos. **Rosa** – Acredito em que algumas famílias estão errando sim ao não impor limites para seus filhos. **Gorete** – Não estão errados, porém devemos analisar o que é moral para aquele pai. Os conceitos estão confusos nada que só é ensinado corretamente errado. **Teresa** – Alguns pais sim porque não ensinam os verdadeiros valores que as crianças devem ter. A escola não está errada porque ensinando os verdadeiros valores aos alunos. **Jurema** – Em algumas situações acredito que sim. **Julia** – Não. É preciso ensinar valores regras e princípios as crianças.

De acordo com Salovey e Sluyter (1999, p.179/180)

Crianças consideradas bem controladas por professores e pais pareciam se comportar na escola de maneira socialmente apropriada e não-agressiva e tinham tendência a ser relativamente populares, a procurar contato social e a ser socialmente seguras. Em acréscimo, eram tidas como boas alunas na parte acadêmica. Além disso, as crianças que os professores diziam ter emocionalidade negativa alta, e que enfrentavam dificuldades de maneira não-constitutiva, apresentavam baixa qualidade de relacionamento social na escola.

Ao indagarmos as entrevistadas se os pais têm passado a responsabilidade de educar e trabalhar limites para a escola, de acordo com a pesquisa os pais estão passando a responsabilidade para a escola. (segundo Volnovich 1993. p.21). Grünspun (2002, p.12) afirma que, “Com amor os filhos podem ser criados, ou melhor, eles se criam se os pais não atrapalharem. No amor um filho se cria sozinho, mas por mais que seja amado ele não se educa sozinho”. Dessa forma, filhos podem crescer e se desenvolver sozinhos, mas a educação é de total responsabilidade dos pais e não de outros”. Por tanto cabe a família colocar limites, pois na escola se aprende português, matemática e o respeito vem de casa.

**Maria** – Dessa forma não tendo apoio familiar o nosso trabalho como educadores fica abalado, pois os mesmos não demonstram capacidade e maturidade suficiente para seus atos. **Rosa** – Sim existe uma distorção. A responsabilidade de educar é da família.

**Gorete** – Sim. Os pais têm nos dado as responsabilidades além de transmitir conhecimentos educar seus filhos ficando mais difícil nosso trabalho tendo que parar toda hora para chamar a atenção. **Teresa** – Que os pais não sabem educar seus filhos e perdem a autoridade sobre eles e querem que a escola corrija isso, pois não deram conta. **Jurema** – A cada dia mais os pais acham que a escola além de ensinar e passar o conhecimento tem a responsabilidade de educar nossa realidade infelizmente essa. **Julia** – Passar essa responsabilidade somente para a escola é um erro, pois deve haver uma parceria entre pais e a escola para alcançar esse objetivo.

Perguntamos como você percebe a parceria de escola e família nos tempos de hoje para o desenvolvimento escolar das crianças, e obtivemos as seguintes respostas:

**Maria** – É o principal elo que deve acontecer ambos juntos tem crianças mais responsáveis conseguimos desenvolver um bom trabalho e conhecimento, educação. **Rosa** – Os dois precisam caminhar juntos nas construções de sujeito capaz de se desenvolver em todos os aspectos para ter sucesso na aprendizagem. **Gorete** – Esta, mas complicada temos que cobrar a parceria da família, exigir que venha chamar, buscar elas na escola não só na hora de cobrança fazer eles vieram para escutar elogios coisas boas também ter uma parceria completa. **Teresa** – Hoje a escola é rara os pais que colaboram com a escola. Eles acham que a escola tem que fazer tudo por eles e não dão o verdadeiro valor que a escola precisa. **Jurema** – Isso é muito importante. As famílias têm passado algumas responsabilidades a escola, mas a presença de pais a reuniões, conselhos de classe e trabalhos escolares e estimulam as crianças. **Julia** – A ideia em si é maravilhosa, mas há bastante desinteresse por partes dos pais que na maioria acreditam serem responsabilidades da escola e deixam a desejar essa parceria.

As professoras entrevistadas concordam em cem por cento que tem que ter a parceria entre escola e família, porém elas sentem falta do interesse dos pais, não somente com a escola, mas com os próprios filhos. A parceria entre familiares e as instituições de ensino seja a educação formal ou a técnica, é concretizada quando ambos estão unidos em um único objetivo, formar cidadãos conscientes da sociedade em que habitam, com valores éticos e morais e com uma perspectiva de um futuro promissor. A família pode participar de várias maneiras na vida educacional do estudante, segundo Freitas, Maimoni & Siqueira, (1994) e de Maimoni & Miranda, (1999), elas podem: acompanhar tarefas e trabalhos escolares, verificar se o filho fez as atividades solicitadas pelo professor, estabelecer horário de estudo, informar-se sobre matérias e provas, entre outras.

Nossa intenção era saber se o que acontece no ambiente familiar interfere na relação escolar, sobre isto tivemos estes resultados:

**Maria** – Muitos casos sim desde o acompanhamento de seu filho com tarefas, uniforme e outros afazeres em casa isso vai fazendo com que a criança desenvolva uma falta de compreensão. **Rosa** – Sim, pois tudo o que acontece no ambiente familiar acontece na escola. **Gorete** – Sim o aluno principalmente os menores levam tudo o que vivenciam em seu ambiente familiar para a escola, ficando retraído e agressivo. **Teresa** – Sim, seja de bom ou ruim tudo interfere na educação escolar. **Jurema** – Com certeza, em muitas situações as crianças chegam a escola com o emocional abalado isso interfere não só na

aprendizagem, mas também na socialização com os colegas. **Julia** – Sim. Os reflexos de situações que ocorrem em ambiente familiar interferem muito na relação escolar.

Se olharmos ao nosso redor não seria muito difícil entender a pergunta, pois sabemos que a resposta seria sim. Tudo o que acontece no ambiente familiar interfere e muito. Outro fator que contribuiu imensamente para a indisciplina é o fato de os pais passarem menos tempo com os filhos. “[...] por várias questões e, principalmente, as econômicas a dona de casa “foi obrigada a ir para o mercado de trabalho, ocasionando uma „fenda“ no tempo para com os filhos, não permitindo o acompanhamento mais de perto do desenvolvimento em relação a questões de valores para as crianças. Instala-se uma verdadeira crise de autoridade na educação”.

(PIMENTA, 2012, p.19).

Diante de uma demonstração de afeto por parte do professor, é observável mudanças no comportamento da criança?

**Maria** – Ela vai tornar-se mais amiga compressiva em suas atitudes. **Rosa** – Sim, pois a criança precisa se sentir segura. **Gorete** - Sim. Algumas instantâneas no mesmo segundo algumas aos poucos vão se soltando. **Teresa** – Com certeza. **Jurema** – Sim. Se criança se sentir amada e protegida ficará feliz e com mais vontade de aprender e brincar. **Julia** – Sim. Muda o comportamento da criança.

O papel do professor é específico e diferenciado do das crianças. Ele prepara e organiza o microuniverso onde as crianças buscam e se interessam. Segundo Carneiro, Martinelli e Sisto (2003, p. 153)

As vivências escolares podem tanto auxiliar o aluno no seu processo de aprendizagem, motivação e autoestima como promover o seu fracasso e dificuldade. Segundo os autores: O fracasso escolar pode ocorrer devido a situações e/ou condições externas ao indivíduo e que indiretamente o afetam e/ou por condições internas ao mesmo.

Dentre as situações externas mais arroladas, podemos citar as causas de ordem socioeconômica das famílias dos estudantes, acarretando a necessidade do trabalho infantil, e as causas de ordem sócio-institucional, que vão desde as condições da estrutura física da escola quanto às questões administrativas, salariais, pedagógicas passando também pela formação do professor. Dentre os fatores de ordem interna ao indivíduo, destacam-se os relacionados ao desenvolvimento cognitivo e os de ordem afetivo-emocionais, motivacionais e de relacionamento.

Perguntamos se a falta de afeto interfere no desenvolvimento escolar, e tivemos as seguintes respostas:

**Maria** – Às vezes depende da criança. **Rosa** – Sim algumas vezes interfere. **Gorete** – Interfere e muito metaforicamente falando é como se fosse uma criança com fome sem vontade nenhuma de aprender. **Teresa** – Sim porque fica desmotivada. **Jurema** – Sim. É nítido o desenvolvimento assistido pela família em casa, e de uma criança que a família passou essa responsabilidade para a escola. **Julia** – Sim. Interfere.

A pesquisa nos mostra o afeto é essencial para a vida de uma criança. Para que haja um desenvolvimento harmonioso é importante satisfazer a necessidade fundamental da criança que é o amor. [...] O professor, na sua responsabilidade e no seu conhecimento da importância de sua atuação; pode produzir modificações no comportamento infantil, transformando as condições negativas através das experiências positivas que pode proporcionar. Estabelecerá, assim, de forma correta, o seu relacionamento com a criança, levando-a a vencer suas dificuldades (SOUZA, 1970).

Perguntamos também como identifica a indisciplina em sala de aula? E de que forma? Como trabalha isso com seus alunos?

**Maria** – Sim. Comportamento verbal e crianças alteradas. **Rosa** – Sim é identificado muitas vezes como falta de respeito e cumprimento de normas. **Gorete** – Você era autoridade na sala, se duvidar o aluno manda em você hoje. **Teresa** – Sim, no comportamento nas atividades. **Jurema** – Sim. A falta de respeito com muitos professores, responde com falta de educação estão sem limites. **Julia** – Sim. Através de resistência da parte de umas crianças em seguir as normas e as regras.

A falta de educação as resistências dos alunos é uma questão muito séria em sala de aula como vimos os relatos a cima. A indisciplina é uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos educadores para desenvolverem o trabalho pedagógico. De acordo com Parrat Dayan (2008, p. 21), os conflitos em sala de aula caracterizam-se pelo descumprimento de ordens e pela falta de limites como, por exemplo: falar durante as aulas o tempo todo, não levar material necessário, ficar em pé, interromper o professor, gritar, andar pela sala, jogar papeizinhos nos colegas e no professor, dentre outras atitudes que impedem os docentes de ministrar aulas mais qualidade.

Por fim, perguntamos se acredita que em algumas situações as questões afetivas podem auxiliar na aprendizagem? De que forma?

**Maria** – Sabe-se que quando o aluno se sente bem recebido na escola e tem afeto pelo seu professor o seu desempenho melhora. **Rosa** – Certamente que a criança que possui no ambiente familiar afeto, limite e pais presentes e preocupados com a educação e aprendizagem. **Gorete** – A aprendizagem está ligada direta a afetividade tudo está ligado à emoção e a razão. **Teresa** – Sim. Na maneira de falar um abraço, um carinho e uma palavra de estímulo e etc. **Jurema** – Não. **Julia** – Sim um exemplo é a diferença que faz com relação às crianças inseguras que não acreditam no seu potencial.

A grande maioria tem certeza de que a afetividade ajuda a criança e quando vem isso de casa que pais se importam faz a total diferença. Na escola o professor faz com que esse laço se estenda com os demais.

O ponto fundamental é a relação que o professor deve ter com o aluno: O aluno deve sobretudo ser amado, e que meios tem um governante de se fazer amar por uma criança a quem ele nunca tem a propor senão ocupações contrárias ao seu gosto, se não tiver, por outro, poder para conceder-lhe esporadicamente pequenos agrados que quase nada custam em despesas ou perda de tempo, e que não deixam, se oportunamente proporcionados, de causar profunda impressão numa criança, e de ligá-la bastante ao seu mestre. (ROUSSEAU, 1994, p.23-24)

O aluno encontra no professor um amigo, a pessoa na qual ele pode confiar e muitas vezes é ele quem faz o papel de ouvinte e acaba confiando mais do que na própria família. O afeto é de suma importância tão importante como impor limites em uma criança e saber dizer um não para que não se torne um adulto frustrado. A escola ensina conteúdo à educação vem de dentro de casa. A influência que a vida familiar exerce sobre as crianças não se restringe apenas a lhe oferecer modelos de comportamento, mas também no desenvolvimento moral da criança. Em mundo cheio de rebeldia vemos como é importante ter regras e limite para se tornar um cidadão de bem, responsável e com valores.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como vimos no decorrer do trabalho está tudo interligado. O limite é necessário como a afetividade também. A preocupação quanto à questão da afetividade não se fundamenta em discutir os aspectos afetivos como determinantes no processo de aprendizagem, mas como um fator facilitador em como trabalhar com a interação entre professor e aluno, buscando contribuições para que a escola seja um ambiente de relações mais agradáveis e trazendo a família para caminhar junto com a escola nesse processo de aprendizagem. A literatura atual tem demonstrado que muitas dificuldades de aprendizagem se perpetuam porque a criança constrói uma baixa autoestima e fica desmotivada para as atividades escolares (MEDEIROS, LOUREIRO, LINHARES; MARTURANO, 2000).

Contudo cabe ao professor auxiliar o aluno no desenvolvimento de uma autoestima elevada e motivá-lo nas atividades escolares. A indisciplina dentro de sala de aula pode ser revertida se trabalhada da maneira certa. É preciso que tenha uma colaboração entre professor, aluno e família para que a sala de aula seja um lugar de encontro de saberes e também um lugar de onde todos se respeitem, em que sejam acolhidos e que se citam bem.

Por fim vemos que então que a relação escola-família cria compromissos, estabelece laços éticos dando novos significados e abrindo horizontes para uma ótima formação. Não existe uma fórmula exata para resolver os problemas, que são diferentes para cada criança, mas sim metodologias diferenciadas, que respondam às necessidades de cada criança somente profissionais interessados e famílias que caminhe junto podem encontrar uma maneira de contornar a situação.

## REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Gabriela Raeder da Silva, MARTINELLI, Selma de Cássia e SISTO. **Autoconceito e dificuldades de aprendizagem na escrita**. *Psicol. Reflex. Crit.*, 2003, vol.16, no.3, p.427-434.

CASTRO, C. M. **Estrutura e apresentação de publicações científicas**. São Paulo: McGraw-Hill, 1976.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. 17. ed. São Paulo: Gente, 2004.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

GALVÃO, I. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

GALVÃO, Izabel. **A evolução da psicologia da criança**. São Paulo: Summus, 2007.

Gomes, C. A. V. (2008). **O afetivo para a psicologia Histórico-Cultural**: considerações sobre o papel da educação escolar. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista, Marília.

LA TAILLE, Yves de. **Três Aspectos da (in) disciplina: Autoridade com base em valores/ Revista Aprendizagem**, Pinhais, PR, Ano 3 n° 11 – Março/ Abril 2009, Ed Melo, pg. 40 – 41.

LIMA, Elvira Souza. **Como a criança pequena se desenvolve**, Rio de Janeiro: Sobradinho, 2001.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.



MEDEIROS Paula Cristina, et. al. **Senso de auto-eficácia e o comportamento orientado para aprendizagem em crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem.** Estudos de Psicologia. 2003, 8(1), pp.93-105.

MAIMONI, E. H & MIRANDA, A. A. B. (1999). **Uma proposta de avaliação do envolvimento dos pais na vida escolar do filho.** *Anais do IV Congresso e IV Mostra de Ciências Humanas e Artes Viçosa (MG).*

PARRAT-DAYAN, Silvia. Trad. Silvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal – **Como enfrentar a indisciplina na escola.** São Paulo: Contexto, 2008.

PIMENTA, Kedna Gomes, LOUZADA, Shênia Soraya Soares. **A indisciplina na percepção de educadores e algumas possibilidades.** Disponível em: [http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/eped/agosto\\_2012/pdf/a\\_indisciplina\\_na\\_percepcao\\_de\\_educadores\\_e\\_alguas\\_possibilidades .pdf](http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/eped/agosto_2012/pdf/a_indisciplina_na_percepcao_de_educadores_e_alguas_possibilidades.pdf). Acesso em: 06 outubro. 2017.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

**ROUSSEAU, Jean Jacques.** Projeto para a educação do Senhor de Sainte-Marie. Edição bilíngüe. Paraula, 1994.

SALOVEY E SLUYTER, **Inteligência emocional da criança.** Rio de Janeiro: Campus, 1999.

SOUZA, V. T. L; PETRONI, A. P. ANDRADA; C. P. **A afetividade como traço da constituição identitária docente: O olhar da psicologia.** Revista Psicologia & Sociedade, 25 (3).2013 p. 527- 537. Disponível em: [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em: 15 junho 2017.

VOLNOVICH, Jorge. **A Psicose na Criança.** Rio de Janeiro: Ed. Relume – Dumará, 1993.

ZAGURY, Tânia, **Escola sem conflitos: parceria com os pais** – Rio de Janeiro: Record, 2008